

Comunicação e educação: o problema da aceleração temporal¹

Adilson Citelli²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Neste texto, apresentamos, a partir de pesquisa realizada entre fins de 2013 e inícios de 2014 junto a docentes e discentes de um conjunto de escolas localizadas na cidade de São Paulo e seu entorno, alguns dados e correspondentes reflexões que permitem pensar como se desenvolve o trabalho referido às relações entre comunicação e educação. Buscou-se indagar como os mecanismos de acesso à informação, a aceleração temporal, a presença das tecnologias digitais, os sistemas em rede, se localizam frente aos ritmos que marcam o âmbito formal do ensino básico. Conclui-se que, malgrado a crescente consciência, em particular dos docentes, acerca da importância dos ecossistemas comunicativos, os ritmos e tempos da sala de aula estão, ainda, ligados a práticas e culturas há muito enraizadas na instituição escolar.

Palavras Chaves: Educomunicação; escola; docente; discente; sociotécnica

Introdução

O conjunto de indagações que circundam os estudos postos na interface da comunicação com a educação, ou da educomunicação, apresentam desafios de várias naturezas e com desdobramentos que solicitam da parte dos interessados dupla inflexão, seja para qualificar os mecanismos de pesquisa seja para identificar tendências e desdobramentos colocados pela própria dinâmica técnica e tecnológica que envolve os mundos da escola e dos dispositivos comunicacionais. Ou seja, tratamos de questão que possui, ao mesmo tempo e em estreito vínculo, um decisivo enraizamento institucional – no caso evidenciado neste artigo, a educação formal –, e modulações tecnoculturais ou

¹. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.

². Prof. Titular junto ao Departamento de Comunicações e Artes. Escola de Comunicações e Artes. USP. Pesquisador 1C do CNPq. Coeditor da revista **Comunicação & Educação**. Autor, entre outros livros e artigos, de: **Imagens do professor na mídia** (Org.). São Paulo, Paulinas, 2012; **Educomunicação. Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo, Paulinas, 2011. Volume organizado com Cristina Costa; **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo, Cortez, 2006; **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. São Paulo, SENAC, 2000; **Linguagem e persuasão**. São Paulo, Ática, 2000

tecnossociais que elegeram a instabilidade e o dinamismo interno como características próprias.

A metáfora de Marx segundo a qual tudo o que é sólido se desmancha no ar, funciona para indicar as contínuas mudanças dos aparatos produtivos, mas que ganharam, contemporaneamente, impressionante profundidade e celeridade. A dialética entre construção, transformação e destruição esclareceu-se como inequívoca manifestação, sobretudo, no que vem sendo chamado de mundo pós-industrial, tanto na profusa e transitória oferta de mercadorias que recheiam gôndolas de supermercados e vitrines dos *shopping centers* quanto no próprio setor financeiro – com a sua peculiar oferta dos chamados produtos/serviços bancários, um leque de papeis, títulos e operações sobre indexadores que alcançam do segmento acionário ao de câmbio, basicamente marcados pela imaterialidade, mas com força suficiente para repercutir com enorme rapidez nos mercados mundiais.

Sem o desejo redutor de criar sobredeterminações mecânicas, é imperioso reconhecer que as estratégias de organizar os andamentos do capital, as constantes mutações dos instrumentos de produção, em especial quando se observam as inovações trazidas pela ampla digitalização dos sistemas, os novos modos de constituição das sociabilidades, em forte conexão com os dispositivos comunicacionais substanciados em telas pequenas e nas tecnologias locativas, têm repercutido diretamente na maneira de se organizar as relações de tempo e espaço.

Há uma série de autores dedicados a pensar essa dimensão cronotópica do sujeito contemporâneo insistindo na perspectiva de que os ritmos do tempo social ganharam não apenas ângulo especioso, mas passaram, também, a expressar contradições com tempo das instituições. De um lado, o compasso é o da aceleração e, do outro, da dilação. É o que pensam, em registros e explorando vertentes um pouco distintas do mesmo problema, nomes como os de Hartmut Rosa³ ou Jonathan Crary⁴, ao tratarem dos novos cenários abertos pela aceleração social. Com esta variável teórica central, vemos irromper uma série de subtemas que incluem desde a fragilização das instituições tradicionais até o controle do sono, graças a uma estratégia do capitalismo tardio para, se possível, fazer desaparecer a lua, entronizando o sol como o senhor da luz permanente que sinalizaria estarem as vinte e quatro horas à disposição dos negócios e dos fluxos da produção e do consumo.

³. **Social acceleration. A new theory of modernity.** New York, Columbia University Press, 2013

⁴. **24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo, Cosac Naify, 2014

O desajuste colocado no coração da alta modernidade entre a rapidez do tempo social, ritmado pelas revoluções técnicas, pelas mudanças nos percursos da vida, e a morosidade das instituições, incluindo os mecanismos de governança, a estrutura da família ou do judiciário, traz consigo uma série de consequências que tanto dizem respeito a temas referentes às maneiras de promover a circulação do conhecimento e da informação como também à afirmação do consumismo, do individualismo, da experiência radicalizada daquilo que David Riesman⁵, com enorme acuidade, ainda nos anos 1950, caracterizou como sendo a marca da nova classe média americana, constituída por um ajuntamento de insulados, a caminhar rumo à introdireção e a alterdireção.

Nesta linha, Hartmurt Rosa pensa as mudanças que marcam os compassos do mundo contemporâneo, a partir de três indicadores centrais: a rapidez dos sistemas e processos tecnológicos, manifestados em áreas de transporte, comunicação e produção – aqui, podemos eleger o efêmero como traço constitutivo de variados tipos de mercadorias –; a aceleração das mudanças sociais, identificáveis nos âmbitos da cultura, das instituições e das relações pessoais; a dinamização nos ritmos de vida, expressão de certo paradoxo, pois seria esperado que as facilidades carreadas pelas tecnologias trouxessem consigo um aumento do tempo livre das pessoas, ampliando o lazer e franqueando o chamado ócio criativo⁶. Para o sociólogo alemão, as marcas estruturais e culturais das instituições estariam em choque com o “shrinking of the present”⁷, aquele fragmento temporal em que se diminuem as marcas do passado e se ampliam as expectativas do futuro, imprimindo no *hic et nunc* a estranha sensação de existência de um cenário de passagem que possui a fugacidade de um instante de perigo⁸. Tal encolhimento do presente, ou ao menos a sensação de que ele ficou demais estreito, em certa medida resultante da aceleração tecnológica e da própria vida cotidiana, sugere que à fluidez do tempo corresponderia o enfraquecimento dos laços sociais e das relações interpessoais. Daí, agora com Riesman, ser possível falar em introdireção e a alterdireção, instâncias convergentes e marcadas por uma perspectiva de fechamento e isolamento dos indivíduos, o que não deixa de carregar curiosa ironia, pois, ao menos segundo a retórica do nosso tempo, viveríamos sob a larga

⁵. **A multidão solitária**. São Paulo, Perspectiva, 1995.

⁶. Friedrich Nietzsche falando sobre a pressa que marcava a vida nos Estados Unidos, motivo pelo qual as pessoas se envergonhavam do descanso, sendo asfixiadas pela ideia de que era melhor fazer qualquer coisa do que nada, termina na amarga constatação segundo a qual a civilização ganhou ares de barbárie por haver perdido a capacidade de se tranquilizar. Isto é, de aceitar o movimento lento da reflexão, dos achados no campo da arte e da cultura. Acerca deste ponto, ler: Giacoia Júnior, Oswaldo. Ansiedade sem aplicativo. In: **O Estado de São Paulo**. 28/06/2015.

⁷. A afirmativa de que existe um “encolhimento do presente”, aparece em várias passagens do citado **Social acceleration. A new theory of modernity**.

⁸. Para retomar a conhecida afirmativa de Walter Benjamin nas *Teses sobre filosofia da história*. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985.

abrangência globalizadora, integradora, plugados em redes interconectas *on line*. Por este viés, a aceleração social pode estar regendo uma orquestra nem sempre afinada, mas, de todo modo, colocada no centro da vida contemporânea.

A mesma perspectiva do “revolucionar permanente”, destacada por Marx em seu manifesto, e que afirmaria a transitoriedade como determinativo do modo de produção capitalista e da burguesia em busca constante de inovação e racionalização do trabalho é reposta por Jonathan Crary, no seu já citado ensaio acerca da afronta que o ato de dormir parece provocar no capital. O estado de plena felicidade – para quem domina os meios de produção, o comércio, a circulação do dinheiro – seria aquele em que fosse factível trabalhar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana – prática, aliás, em pleno andamento nas grandes cidades do mundo. Aqui, podemos retomar a observação de Nietzsche, para quem, a tranquilidade, o sossego e o ócio estariam associados semanticamente ao tempo de larga duração, requisito último para se exercitar a capacidade de pensar, fruir a arte, perseguir a liberdade do espírito, enfim, um direito de viver sem os atropelos do “shrinking of the present”, ou, se quisermos atualizar o reclamo: afastando a tentação do facebook.

O problema, segundo formulado por Jonathan Crary, é que a transitoriedade ancora-se, não de hoje, mas agora como vetor decisivo, em uma situação de permanência, razão pela qual o conceito, por exemplo, de “era digital” resulta, ele mesmo, em um tipo singular de boutade, visto cristalizar uma fração temporal que possui autonomia, independência histórica, fingindo estabilidade onde habita instabilidade.

No entanto, a realidade bastante diversa de nosso tempo se caracteriza como manutenção calculada de um estado de transição contínuo. Diante de exigências tecnológicas em transformação constante, jamais haverá um momento em que finalmente as alcançaremos, seja enquanto sociedade seja enquanto indivíduo (CRARY, 2014, p. 46).

E prossegue lembrando que não estamos diante de algo novo – acrescentamos nós, mas apresentando, agora, ritmos, alcances e profundidades irrecorríveis – haja vista existir “incompatibilidade intrínseca do capitalismo com formações sociais estáveis ou duradouras, e a história dos últimos 150 anos é inseparável da “revolução contínua” das formas de produção, circulação, comunicação e construção de imagens”(CRARY, 2014,p.47).

Em síntese, Hartmurt Rosa e Jonathan Crary convergem no atinente ao ponto que estamos destacando como uma das marcas caracterizadoras da alta modernidade: a pressa, a velocidade, o açoitamento, tudo seguido da superoferta de mercadorias, o que combina, em procedimentos de retroalimentação, com o consumismo e a alterdireção. Ou, nos termos de Crary:

Esse fenômeno contemporâneo da aceleração não é simplesmente uma sucessão linear de inovações, na qual cada item obsoleto é substituído por um novo. Cada substituição é sempre acompanhada por um aumento exponencial do número de escolhas e opções disponíveis. É um processo contínuo de distensão e expansão, que ocorre simultaneamente em diferentes níveis e em diferentes lugares, um processo no qual há uma multiplicação das áreas de tempo e experiência que são anexadas a novas tarefas e demandas envolvendo máquinas. A lógica do deslocamento (ou obsolescência) é conjugada a uma ampliação e diversificação dos processos e fluxos aos quais o indivíduo se vincula efetivamente (2014, p.52).

Posto de outra maneira, os mecanismos da aceleração e da diversificação tecnológica criam os ambientes ou os fluxos no interior dos quais os indivíduos – respeitando-se particularidades culturais, de classes, econômicas – definem interesses, conformam valores, entram no debate público, assumem formações discursivas, ativam processos comunicacionais, enfim, singularizam mecanismos de integração na dinâmica social e de construção das sociabilidades. Diante deste quadro, o que se indaga é como, hoje, as instituições tradicionais, aquelas responsáveis, em tese, pela formação educativa, religiosa, política, ética, moral, à maneira das escolas, igrejas, partidos, família, etc., localizam-se frente aos mecanismos de aceleração social, da decisiva dominância dos mediadores tecnocomunicativos, do aparente desconforto resultante do “shrinking of the present”.

1. Ambiências escolares

Ao seguirmos as reflexões acima propostas, teríamos que abrir duas vertentes quando a matéria de referência é o universo da educação formal. De um lado, o encolhimento do presente com a sua marca de transitividade histórica em ritmo acelerado, na qual os dispositivos comunicacionais jogam papel importante. Tais mediadores, eles próprios marcados pela ideia da curta duração, pela “obsolescência constitutiva”, a ser acompanhada *in presentia* nas vitrines das lojas, nas ofertas que inundam as páginas da internet, a exemplo dos celulares, e a sua sequência quase

fetichista de gerações que se sucedem anualmente, num infundável atropelo de Gs: 1, 2, 3, 4, etc.

De outro lado, a escola como unidade marcada por configuradores institucionais gestados numa outra lógica temporal, com os seus ritos e a convivência com o tempo lento, necessário aos processos de (in)formação, sistematização, maturidade reflexiva, envolvimento com o conhecimento, etc. O “revolucionar permanente”, possui, aqui, outro sentido, pois afeito, sobretudo, aos compromissos com a ordem do saber, da pesquisa, dos avanços no campo da ciência, circunstâncias que olham com desconfiança o sentimento de urgência. A se lembrar de que o substantivo formação (*erfahrung*) diz respeito a uma relação entre elementos objetivos e subjetivos, remetendo ao território da experiência, logo da vivência/maturidade. E, para tanto, impõem-se, conforme a metáfora de Nietzsche, a tranquilidade, certa lentidão incompatível com o estreitamento do tempo presente, aquele no qual a escola precisa realizar a sua operação formativa.

Equivale dizer, a tensão temporal e de imperativos pragmáticos entre as dinâmicas da transitividade marcada pelo sentimento de urgência e o aparato das instituições tradicionais está dado. Nesse descompasso, surgem algumas das fragilidades do sistema escolar, cuja tradução pública vem sob a forma de críticas ao currículo, à defasagem dos programas de ensino, ao descompromisso dos professores, dos pais, das autoridades governamentais, ao acesso acelerado de milhões de jovens das classes populares ao ensino público, à tibieza nas avaliações, ao paternalismo, ao abastardamento do que teria possuído nobreza no passado, para ficarmos em itens de uma lista de grandes dimensões. A contraparte do diagnóstico, isto é, a requalificação da escola, seria possível, por outra série de tópicos formulados, segundo o lugar social, político ou ideológico da enunciação, através do rigor nas aprovações/reprovações dos alunos, do adestramento para operações como a leitura, a escrita, a tabuada, da retomada do enciclopedismo propedêutico, da férula da repressão aos discentes desajustados na sala de aula, da cobrança de resultados por metas impostas aos docentes, da mudança nos padrões de financiamento da educação, etc.

Independentemente da procedência de algumas das cláusulas salvadoras postas acima, pouco ocorre às críticas sobre a escola atual um reenquadramento nos contornos afeitos às novas formas culturais, aos desafios de uma temporalidade

distinta – dada pela dinâmica do próprio processo produtivo -, dos impactos das tecnologias da comunicação e da informação nos configuradores institucionais e na sociabilidade dos jovens e adolescentes. Acerca destes últimos desafios, talvez pela complexidade que apresentam e pela própria dificuldade de acompanhar os seus deslocamentos, reina um desconfortável silêncio. De certo modo, convive, lado a lado, a dupla consciência que pergunta, mas se exime da resposta, indicando ser melhor continuar, apenas, na esfera da temporalidade regida pela instituição do que procurar desdobramentos localizados, também, fora dela. E neste outro lugar, carregado, igualmente, de uma série de contradições, habita o amplo território da comunicação, seus mediadores, suas tecnologias, seus apelos de velocidade e aceleração do tempo social, que marcam a fundo os modos de ser, aprender e conviver, dos jovens e cujas convergências encontram, por vias diretas ou indiretas, a sala de aula.

As observações feitas até aqui foram permitidas por uma parte da pesquisa que ainda estamos realizando acerca dos vínculos entre educação formal e comunicação. A seguir apresentaremos alguns dados da referida investigação, a fim de mais bem materializar as nossas reflexões e interconectá-las teoricamente.

2. A escola no centro do rodado

Os dados apresentados e comentados nos próximos passos resultam de algumas tabulações e recolhidas de segmentos de entrevistas com docentes ou discentes e referidos a um trabalho mais amplo que se encontra em andamento. Desta sorte, estamos promovendo antecipações cujos contornos teóricos sumarizados – resultantes da reflexão procedida sobre os referidos dados – foram expostos nos dois tópicos anteriores.

A pesquisa, em sua angulação maior, está voltada para a interface comunicação/educação e realizou-se durante o segundo semestre de 2013 e primeiro de 2014, envolvendo 197 professores e 699 alunos. Aqueles estavam alocados em 32 escolas espalhadas pelas zonas norte, sul e oeste da cidade de São Paulo, afóra municípios localizados em raio próximo dos duzentos quilômetros da capital, compreendendo Osasco, Barueri, São Roque, Taubaté, Tremembé, São José dos Campos e Avaré.

Os discentes distribuíram-se por 24 escolas, distribuídas geograficamente pelas regiões e cidades acima situadas. A diferença entre o número de unidades educativas referidas aos docentes com relação aos discentes decorre do fato de atuarem em mais de

uma unidade educativa, às vezes na mesma região, outras até em cidades diversas. A capilaridade da amostra foi possível graças ao trabalho de orientandos e colaboradores⁹ que exercem o magistério ou realizam pesquisas na interface comunicação e educação.

A nossa investigação utilizou dois instrumentos centrais: o contato pessoal com depoentes e um questionário com 45 perguntas fechadas ou abertas dirigidas a docentes e outro, com as mesmas características, mas contendo 36 questões voltadas aos discentes. O material foi consolidado, em sua maior parte tabulado e traduzido em números e gráficos, analisado e, naquilo que se reconheceu como pertinente para o escopo deste artigo, utilizado para alimentar comentários e análises.

Os dados totais coletados permitiram o acesso a informações e manifestações atinentes a um conjunto amplo de perguntas, segundo orientadas aos professores ou aos estudantes, alimentadoras das dinâmicas escolares, das práticas educativas, dos interesses culturais, dos hábitos midiáticos, dos vínculos com os ambientes digitais, enfim, dos diversos planos que singularizam os vínculos da comunicação com a educação.

As bases em que se deram alguns encontros com alunos, certas precariedades nas escolas, por vezes desalento entre docentes, tendo por pano de fundo as delicadas condições de existência da rede de ensino, sobretudo naquelas de natureza pública – que abrangeu a maioria das escolas referidas aos depoentes, em torno de 70% – permitiram aproximar diversas realidades da educação formal em algumas regiões da cidade e do Estado de São Paulo.

Como lembrado, as considerações subsequentes visam a recuperar, sistematizar e problematizar alguns poucos dados da pesquisa mais ampla que realizamos.

3. Os dados e suas análises

Abaixo transcrevemos e comentamos, a título indicativo, poucas tabelas que nos ajudam, a acompanhar algumas questões envolvendo o assunto de interesse no momento voltado à interface comunicação e educação.

À indagação acerca dos equipamentos existentes nas escolas pesquisadas, seguiram-se as respostas:

⁹. Maria do Carmo Souza de Almeida, Elisângela Rodrigues da Costa, Sandra Pereira Falcão e Guilherme Yazaki.

Professores

Televisão	189	97%
Rádio	156	80%
Gravador de áudio	66	34%
DVD	178	92%
Câmera fotográfica	139	72%
Filmadora	91	47%
Powerpoint	138	71%
Other	88	45%

Alunos

Televisão	562	81%
Rádio	472	68%
Câmera fotográfica	309	45%
Aparelho de DVD	522	76%
Filmadora	190	28%
Gravador de áudio	113	16%
PowerPoint	463	67%
Other	129	19%

As indicações dos docentes e discentes coincidem centralmente. Algumas diferenças nos números absolutos derivam de eventuais intercorrências nas respostas dos alunos, muitas vezes, movidas por desinformação sobre os equipamentos dos quais dispõe a escola ou simples elisão de rubricas que permitem mais de uma resposta. A televisão surge em 1º lugar, indicada por 97% dos docentes e por 81% dos discentes, no mais, a ordem sequencial é praticamente a mesma. Vale destacar que dispositivos como DVD, Câmera Fotográfica e PowerPoint estão na maioria das unidades escolares pesquisadas. No caso dos professores, em 71% e na dos estudantes, em 67%, o PowerPoint, é referido e indica que vai se destacando como um dos recursos presentes no cotidiano das salas de aula.

Em pergunta acerca da presença dos computadores nas escolas encontra-se:

Professores

Computador sem internet	61	31%
Computador com internet	163	84%
Computador nas salas de aula	15	8%
Computador na sala dos professores	145	74%
Computador na secretaria/diretoria	184	94%
Sala de informática	170	87%
Não possui computadores	0	0%

Alunos

Computador sem internet	135	19%
Computador com internet	586	84%
Computador nas salas de aula	107	15%
Sala de informática	607	87%
Não possui computador	15	2%

Também neste caso as tabelas convergem, indicando que falamos de um cenário muito próximo da realidade existente quando se trata de saber acerca da presença do computador e sua conectividade. Em 87% das unidades há, segundo discentes e docentes, sala de informática, algo, portanto, praticamente universalizado nas escolas paulistas objetos de nossa pesquisa. Em números próximos, com 84%, novamente em indicador feito tanto por estudantes como por professores, surge a referência aos computadores equipados com internet.

Procuramos saber dos alunos se a existência dos recursos tecnológicos poderia contribuir para melhorar a qualidade da aula:

Depende	7
Não	12
Sim	582

Ou seja, as aulas baseadas exclusivamente em recursos expositivos, ou magistrais, podem encontrar barreiras junto aos jovens frequentadores do ensino básico. E os números não deixam dúvidas, pois quase 97% dos pesquisados vinculam a melhoria na qualidade das aulas ao acionamento das possibilidades técnicas hoje à disposição dos docentes, conforme tabelas anteriores. Parece desnecessário acentuar que a resposta está em linha com a maneira como os chamados nativos digitais se relacionam com os circuitos da comunicação, dos acessos à informação e mesmo a certas formas de conhecimento.

Em seguida, indagamos se os professores, para o andamento das aulas, faziam uso de notícias dos jornais, revistas, propagandas, letras de música, filmes. Seguiram-se as respostas:

Sim	579	83%
Não	111	16%

Frente à constatação da crescente utilização de estratégias didáticas para promover as atividades, agregamos outra pergunta aos discentes, a fim de saber se aqueles recursos ajudavam ou dificultavam a compreensão da matéria em exposição. E, frente aos 548 respondentes, quase 98% apresentam resposta afirmativa:

Ajuda	538
Dificulta	4
Depende	6

Estas e outras perguntas de semelhante diapasão convergem para uma ideia básica segundo a qual é possível afirmar com razoável segurança que existe rentabilidade pedagógica quando se acionam determinados processos calcados nas possibilidades facultadas pelas novas tecnologias e pelas linguagens da comunicação mediada. Ou, de outra maneira, fica difícil trabalhar no território da educação formal sem a devida atenção para este mundo de dispositivos técnicos, aceleração do tempo, profusão de imagens, instantaneidade no acesso à informação, capacidade de registrar e colocar em circulação social eventos, ocorrências, acontecimentos.

Por este viés, quisemos saber dos professores como consideravam as interfaces dos meios e das linguagens da comunicação com a escola, se possuíam caráter complementar ou antagônico:

Antagônica	4
Complementar e antagônico	5
Complementar	158

A maioria (95%) dos professores pesquisados entende haver continuidade entre o discurso propriamente didático escolar e as linguagens institucionalmente não escolares. Vale dizer, existe não apenas abertura, mas aguda consciência dos docentes quanto aos fluxos entre educação e comunicação. Nota-se comparando as pesquisas que vimos fazendo ao longo dos últimos anos envolvendo o âmbito educacional, que não apenas diminuiu a resistência dos professores quanto ao tratamento dos temas, problemas, linguagens afeitas à comunicação, como se trata, agora, de trazê-la para o ambiente escolar. A ideia da complementaridade entre a educação escolar e a comunicação reforça uma preocupação que vimos evidenciando há tempos: a necessidade de mais bem prover a formação inicial dos docentes de disciplinas e cursos voltados de modo sistemático aos múltiplos desafios suscitados pela comunicação.

Conclusão

É perceptível para quem está voltado ao trabalho na interface comunicação e educação, ou educomunicação, conforme tratamento corrente em nossos dias, o fato de estarmos frente a problemas no âmbito das escolas que não se esgotam nos temas – certamente procedentes, em plena vigência e a serem urgentemente enfrentados, haja vista a dramática situação salarial e profissional dos docentes – ligados à infraestrutura e condições materiais do trabalho levado a termo pelos educadores. É imperioso dar tratamento prioritário a tais temas, sem o que fica cada vez mais difícil alcançar os objetivos de uma educação de qualidade.

O que se enunciou neste artigo é algo que não descurando dos óbices postos à educação formal, sobretudo aquela ligada à rede pública, busca ampliar o debate entendendo que existem mudanças culturais e de relações societárias promovidas pelo ecossistema comunicativo, cujo *continuum* não respeita os limites dos muros da escola. Os mecanismos de acesso à informação, a aceleração temporal, a presença das tecnologias digitais e seus atores em rede – para retomar a conhecida teoria de Bruno Latour – certamente estão trazendo outros desafios para as instituições educativas formais. E, conforme demonstram os poucos dados aqui apresentados, e outros que foram registrados em nossa pesquisa mais longa, os fluxos entre os mundos da comunicação, em seus aspectos múltiplos e diversificados, e da educação, precisam ser aproximados, não por uma questão de modismos ou determinativos do aparato de produção industrial e das operações comerciais e ou publicitárias de governos, mas porque novas configurações históricas estão a solicitar distintos mecanismos formativos cujos limites não cabem no enciclopedismo, no transmissivismo e no alheamento às reconfigurações sociotécnicas e tecnoculturais provocadas fortemente pelos sistemas e processos comunicacionais.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. “Teses sobre filosofia da história”. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985.
- BAUMAN, Z. **Desafios do mundo moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.
- CITELLI, A. **Comunicação e educação. A Linguagem em movimento**. São Paulo: SENAC, 2001.

_____. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

CRARY, J. **24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GIACOIA JÚNIOR, O. “Ansiedade sem aplicativo”. In: **O Estado de São Paulo**. 28/06/2015.

LATOURETTE, B. **Reagregando o social**. Bauru,SP:EDUSC/Salvador,BA:EDUFBA, 2012.

LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. **A cultura mundo, respostas a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

REISMAN, D. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ROSA, H. **Social acceleration. A new theory of modernity**. New York: Columbia University Press, 2013.